

O BRIC que corre o risco de ser RIC

BRIC runs the risk of becoming RIC

ARGEMIRO PROCÓPIO FILHO*

Meridiano 47 n. 111, out. 2009 [p. 15 a 16]

No deslocamento das economias mundiais, contando o menos que pode com o mercado interno, o Governo que pragmaticamente mantém o *apartheid* social, dificilmente erguerá o Brasil aos patamares científicos dos parceiros russos, indianos e chineses.

Único do grupo dos BRICs a renunciar aos armamentos nucleares, o Brasil prioriza de mentirinha o científico e o tecnológico. O baixo salário dos seus cientistas comprova isso. No vestiário das nações, os parceiros emergentes o vestem de potência agroenergética depois de um desavergonhado *striptease* onde se despiu da sua indumentária natural de potência ambiental.

Medíocres investimentos em bens públicos, péssima qualidade do oferecido para o consumidor de baixa renda, desflorestamentos e leis para o país ser injusto impedem a presença do Brasil nos BRICs como verdadeira superpotência ambiental. Com PIB superior ao da China e ao da Índia que explodiu sua bomba atômica em 1974 – dez anos depois da iniciativa sionuclear – na ausência brasileira BRIC será RIC. Em maio de 2008, quando do primeiro encontro dos quatro líderes em Yekaterimburg, na Rússia, a nova quadrilha das grandes chances mundiais detinha 23% do PIB global e 70% da superfície terrestre.

Depois de tudo que sofreu o terceiro-mundismo, atualmente, noutra ambiência, nesse organismo internacional informal e relevante nas relações internacionais se arquitetam mais responsabilidade que alternativas. No dilema do “decifra-me ou te devoro”, evitam tocar na esfinge da instabilidade econômica estadunidense manifesta no dilema dólar, há décadas sem lastro ouro e ainda assim, a nada querida e única moeda mundial de reserva.

Ironia da sorte, está na derradeira letra do BRIC a potência cujas importações, em 2006, perfaziam

6,7% do total mundial, e as exportações, 8,5%. Paradoxalmente, no primeiro lugar, está a inicial daquele do grupo hoje o mais imune à queda da demanda internacional por responder apenas com 1% do comércio *mundi*. Mesmo detendo invejável fatia dos recursos naturais de nosso *orbe* e de nossa *urbe*, a disparidade brasileira inviabiliza suas prioridades. Na falta dessa, inexistente caminho a seguir. Por isso, dentro ou fora dos BRICs é verdadeiro milagre o Brasil manter-se como nação diante do tramado contra ele pelos seus próprios poderes judiciário, legislativo e executivo.

Na Rússia e no Brasil, o desperdício de energia pactua com maquinário tecnicamente ultrapassado nas hidrelétricas com manutenção de duvidosa qualidade. Principalmente aqui, está nas estradas em péssimo estado de conservação, nos automóveis e caminhões mal regulados o desperdício de combustíveis. A falta de transporte coletivo motiva a opção pelo individual. Criou alianças entre montadoras e o rodoviarismo para desaparecer que estradas cortadas no meio da selva, resultam do *parti-pris* contra o aproveitamento de rios navegáveis e da malha ferroviária há tempo abandonada. Mais que isso, as estradas rasgando a Amazônia interiorizam o subdesenvolvimento. Propagam conflitos entre a selva limpa e a cidade empoeirada.

No Brasil, bem mais que na Índia, o custo do latifúndio sojeiro sedento de água, de estradas e terra soma-se ao custo energético da produção em escala industrial do bioetanol. O agrocombustível permite comparações, tanto com o mercado de gás quanto com o mercado de petróleo cru. As tecnologias para o processamento do etanol e outras biomassas encontram-se ainda longe do caminho do céu. Apesar disso, sequer estão em gestação, programas entre

* Professor Titular de Relações Internacionais da Universidade de Brasília e pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq (procopio@unb.br).

Brasília e Nova Deli, por políticas para aproveitar o controle que ambas tem da maior parte da produção mundial do açúcar. O incentivo a uma produção articulada do biocombustível e do açúcar sequer entrou na agenda dos países do BRIC.

O gás boliviano da boca dos poços em Rio Grande, bem perto de Santa Cruz de la Sierra, até chegar aos consumidores brasileiros percorre 3.150 quilômetros. Passa por Puerto Juarez, atravessa o Chaco e o pantanal boliviano. No Brasil, ele entra por Corumbá, margeando o rio Paraguai. Até chegar a São Paulo transita por 135 municípios de vários estados. Irmão menor do gasoduto russo que une a Sibéria aos países da União Européia, ele é o maior em extensão da América Meridional. O preço do gás nele escoado, durante anos abaixo da cotação internacional, desde sua inauguração no final da década de 1990, recebia críticas de diferentes segmentos da opinião pública boliviana.

A poluição do gás, praticamente um quarto menor que as emissões de CO₂ do petróleo, parece ser a metade da carvoeira que enegrece cidades e pulmões, principalmente chineses e russos. A carência energética animou aos membros do BRIC a apostar no combustível azul como solução de problemas. Esqueceram, entretanto, a questão das rivalidades étnicas, das nacionalidades e, sobretudo, dos problemas da pobreza na geografia social incerta cortada por tais gasodutos.

Composto de metano, etano, propano e resfriado a temperaturas extremamente baixas, depois de condensado ele vira o gás natural liquefeito. Da mesma forma que a tecnologia alcançou esse feito para o gás, certamente chegará a outros. A economia baseada em várias fontes energéticas respeitando a Segurança Ambiental promete enriquecer o leque de opções para a igualmente necessária Segurança Energética dos BRICs. Nesse contexto, a República Popular da China e a Índia investem fortemente no transporte coletivo. Em avanço tecnológico, a Rússia, a mais preparada, está pronta para assistir ao eventual casamento do gás com o ainda sonhado bioetanol sintético. Por que deixar de repensar as ferrovias substituindo os aviões, ônibus e caminhões como já fazem os chineses, os russos e os indianos?

O "bioquerosene", inventado pelo russo Ilva Moiseiev, tem argumento para entrar no rol da bio-

energia. Recorde-se que nos anos 1940, quando a II Grande Guerra emitia sinais de exaustão energética, na URSS, nos EUA, na Alemanha, na Inglaterra e no Japão considerou-se bastante a produção de combustíveis líquidos sintéticos à base do gás natural. Tais inovações, vaticinam os pessimistas, são insuficientes para deter a devastação. Se os empresários não têm consciência de que quem semeia combustível em terras da lavoura branca colhe tempestade, isso é outra questão.

A racionalidade na exploração dos recursos gasíferos possibilita políticas pela diminuição da produção do etanol. Mitigaria efeitos colaterais impedindo que plantios da cana-de-açúcar incorporem áreas agrícolas tradicionais na Índia, de onde ela veio, e no Brasil.

A leitura da geopolítica do nosso país no BRIC infere a despreensão nacional de ser potência ambiental. Tal fato preocupa aos adeptos da lavoura branca e aos defensores das florestas. A política ambiental separada das prioridades energéticas provocará gargalos na cooperação do Brasil com os demais do BRIC. Depois de quase meio século de estagnação dos preços dos alimentos, ainda antes da crise mundial, veio a alta do petróleo e com ela a dos fertilizantes. Seus impactos no preço da comida roubaram da Segurança Alimentar o espaço que precisa para corrigir o descompasso mundial entre a oferta e a demanda que nenhum membro do BRIC preparou-se para enfrentar.

Recebido em 27/09/2009

Aprovado em 01/10/2009

Resumo: o artigo compara o desenvolvimento do Brasil com os demais membros do BRIC. Chega à conclusão de que o Brasil tem adotado políticas equivocadas para tornar-se uma potência mundial.

Abstract: the article compares the development of Brazil to the development of other countries that are members of BRIC. It concludes Brazil has been adopting wrong conceptions to become a political power.

Palavras-chave: Brasil; China; Rússia; Índia

Key words: Brazil; China; Russia; India